
bell hooks Fala sobre Paulo Freire

O Homem, seu Trabalho

bell hooks

Este é um diálogo divertido comigo mesma. Gloria Watkins falando com bell hooks — minha voz da escrita [pseudônimo]. Eu quis falar sobre Paulo Freire e seu trabalho desta forma, porque ela dá uma intimidade — e familiaridade — que eu não achei possível atingir numa redação formal. Aqui encontrei uma forma de compartilhar a doçura — a solidariedade de que eu falo.

WATKINS: Lendo seus livros *Ain't I am a Woman: Black Women and Feminism*, *Feminist Theory: from Margin to Center* e *Talking Black*, é claro que seu desenvolvimento como pensadora crítica tem sido influenciado pelo trabalho de Paulo Freire. Você pode falar sobre a forma como o trabalho dele tocou sua vida tão profundamente?

HOOKS: Anos antes de encontrar Paulo Freire, aprendi muito com seu trabalho — aprendi novas maneiras de pensar sobre a realidade social que era libertadora. Muitas vezes, quando professores e estudantes da universidade lêem Freire, eles abordam seu trabalho de um ponto de vista de *voyeur*, no qual enquanto vão lendo vêem duas posições no trabalho: a posição subjetiva do educador Freire (do qual eles, muitas vezes, estão mais interessados do que nas idéias ou sujeitos dos quais ele fala) e os grupos oprimidos/marginalizados dos quais ele fala. Em relação a estas duas posições do sujeito, eles se posicionam como observadores — como alheios. Quando me encontrei com o trabalho de Freire, exatamente num momento da minha vida em que começava a questionar profundamente as políticas de dominação, o impacto do racismo, o sexismo, a exploração de classe e o tipo de colonização doméstica que existe nos Estados Unidos, senti-me profundamente identificada com os agricultores marginali-

zados sobre os quais ele falava, ou com meus irmãos e minhas irmãs negras, meus companheiros na Guiné-Bissau. Veja você, eu estava vindo de uma experiência negra sulista e rural para a universidade. E eu tinha vivido através da luta pela dessegregação racial e estava na resistência sem ter a linguagem política para articular este processo. Paulo foi um dos pensadores do qual o trabalho deu-me uma linguagem. Ele me fez pensar profundamente sobre a construção de uma identidade na resistência. Existe uma frase de Freire que se tornou um mantra revolucionário para mim: "Nós não podemos entrar na luta como objetos para nos tornarmos sujeitos mais tarde." Realmente, é difícil achar palavras adequadas para explicar como esta frase era como uma porta fechada — e eu lutei comigo mesma para achar a chave — e aquela luta engajou-me num processo de pensamento crítico que era transformador. Esta experiência posicionou Freire em minhas mãos e no meu coração como um professor desafiador, de quem o trabalho ampliou minha própria luta contra o processo colonizador — a mente passível de colonização.

WATKINS: No seu trabalho, você indica uma preocupação com o processo de descolonização, particularmente porque isto afeta afro-americanos vivendo com a supremacia da cultura branca dos Estados Unidos. Você vê um elo entre o processo de descolonização e o foco de Freire em conscientização?

HOOKS: Oh, absolutamente, porque as forças de colonização são tão fortes neste patriarcalismo de supremacia capitalista branca, que parece que as pessoas negras estão sempre tendo que renovar um compromisso com um processo descolonizador, que deveria ser fundamental para nossas vidas e não é. Assim, o trabalho de Freire, em seu entendimento global de lutas de libertação, sempre enfatiza que este é o importante estágio inicial de transformação — aquele momento histórico no qual uma pessoa começa a pensar criticamente sobre o ego e identidade em relação à circunstância política dessa pessoa. Novamente, este é um dos conceitos no trabalho de Freire, e em meu próprio trabalho, que é freqüentemente confundido pelos leitores nos Estados Unidos. Muitas vezes, as pessoas dirão a mim que parece que eu estou sugerindo que é suficiente para os indivíduos mudar a forma como eles pensam. E, veja você, mesmo o uso que elas fazem de "suficiente" nos diz algo sobre a atitude que elas trazem para esta questão. Isto tem o som patronal, um som que não demonstra nenhum entendimento tocante de como uma mudança em atitude (embora não seja o completar de nenhum processo transformador) pode ser significativo para pessoas colonizadas/oprimidas. De novo e novamente Freire teve que lembrar aos leitores que ele nunca falou de conscientização com um fim em si mesma, mas sempre como ela é unida à práxis significativa — de várias maneiras Freire articula isso. Gostei quando ele falava sobre a necessidade de verificar na práxis o que sabemos na consciência: "Isto significa, e deixe-nos enfatizar isto, que seres humanos não vão além da situação concreta, a condição na qual eles se acham, apenas através de suas consciências ou de suas intenções — por mais que essas intenções sejam boas. As possibilidades que eu tive para

transcender os limites de uma cela pequena, na qual fui preso depois do golpe militar de abril de 1964, não foram suficientes para mudar minha condição de um prisioneiro. Eu sempre estava na cela privada da liberdade, mesmo se eu pudesse imaginar o mundo do lado de fora; mas, por outro lado, a práxis não é ação cega, privada de intenção ou de finalidade: é ação e reflexão. Homens e mulheres são seres humanos porque eles são historicamente constituídos como seres de práxis e, no processo, eles se tornaram capazes de transformar o mundo — de dar significado ao mundo." Eu acredito que muitos movimentos progressistas políticos falham em ter impacto permanente nos Estados Unidos exatamente porque não há compreensão suficiente de 'práxis'. Isto é o que me toca sobre Antonio Faundez, que diz em *Learning to Question*: "...uma das coisas que aprendemos no Chile, em nossa reflexão sobre a vida diária, foi que frases políticas, religiosas ou morais não tomaram a forma concreta nos atos dos indivíduos. Fomos revolucionários no abstrato, não em nossas vidas diárias. Acredito que a revolução comece precisamente com a revolução de nossas vidas diárias. Parece-me que é essencial que em nossas vidas individuais nós devêssemos viver dia a dia o que afirmamos." É sempre uma surpresa para mim quando pessoas progressistas agem como se, de alguma forma, tivessem posições morais ingênuas para acreditar que nossas vidas devem ser exemplo de nossas políticas.

WATKINS: Há muitos leitores de Freire que sentem que a linguagem sexista de seu trabalho, que não mudou mesmo depois do movimento feminista e da crítica feminista contemporânea, seja um exemplo negativo. Quando você leu Freire pela primeira vez, qual foi sua resposta para o sexismo da linguagem dele?

HOOKS: Nunca houve um momento, quando estava lendo Freire, em que eu não tenha estado ciente não apenas do sexismo da linguagem, mas também da forma como ele (exatamente outros líderes políticos progressistas, intelectuais, pensadores críticos do Terceiro Mundo, tais como Fanon, Memmi, etc.) constrói um paradigma falocentrista de libertação — e por isso a liberdade e a experiência de virilidade patriarcal estão sempre ligados, como se fossem um e o mesmo. Para mim, isto sempre é uma fonte de angústia, porque representa um bloqueio na visão dos homens que têm profundo discernimento. E, mesmo assim, eu nunca desejo ver uma crítica deste bloqueio dominar a capacidade de ninguém (e das feministas em particular) de aprender desses discernimentos. Por isso, para mim, é difícil falar sobre sexismo no trabalho de Freire; é difícil achar uma linguagem que ofereça uma forma de delinear a crítica e, ainda, manter o reconhecimento de tudo o que é valorizado e respeitado no trabalho. Parece-me que a oposição binária, que está tão presente no pensamento e na linguagem ocidental, faz com que seja quase impossível projetar uma resposta complexa. O sexismo de Freire é indicado pela linguagem em seus trabalhos iniciais, apesar de que há muito do trabalho que permanece libertador. Não há necessidade de desculpar-se por sexismo. O próprio modelo de pedagogia

crítica convida a uma interrogação crítica dessa falha no trabalho, mas interrogação crítica não é o mesmo que rejeição.

WATKINS: Então, você não vê contradição em valorizar o trabalho de Freire e o comprometimento com sua formação feminista?

HOOKS: É o pensamento feminista que me fortalece para que eu fique engajada numa crítica construtiva do trabalho de Freire (que eu necessito tanto quanto aquela jovem leitora do trabalho dele) e ainda há muitos outros pontos de vista de seu trabalho, dos quais me aproximei, que me possibilitaram experimentar seu valor, que torna possível para este trabalho tocar-me tão profundamente no meu ser. Falando com feministas acadêmicas (geralmente, mulheres brancas) que sentem necessidade de desvalorizar o trabalho de Freire por causa do sexismo, vejo claramente como nossas respostas diferentes são delineadas por uma visão que levamos para o trabalho. Eu cheguei a Freire sedenta, morrendo de sede (daquela forma que o colonizado, sujeito marginalizado, ainda incerto de como quebrar a barreira do *status quo*, deseja mudança, é desprovido — é sedento) e eu achei no trabalho dele (e no trabalho de Malcom X, Fanon, etc.) uma forma de satisfazer aquela sede. Ter um trabalho que promova a libertação de uma pessoa é um presente poderoso — não interessando se o presente é imperfeito. Pense no trabalho como água que contém alguma sujeira. Por causa da sua sede, você não vai se importar de tirar a sujeira e ser nutrida pela água. Para mim, esta é uma experiência que muito corresponde à forma que os indivíduos privilegiados respondem ao uso da água no contexto do Primeiro Mundo. Quando você é privilegiada, vivendo num dos países mais ricos no mundo, você pode dispensar recursos e você pode, especialmente, justificar seu desperdício de algo que você considera impuro, obscuro, etc. Observe o que as pessoas fazem com a água neste país (Estados Unidos). Muitas delas compram água especial, porque consideram impura a água da torneira e, é claro, esta compra é uma luxúria. Mesmo nossa habilidade para ver a água, que vem através da torneira, como impura é construída por uma perspectiva imperialista consumista. É uma expressão de luxúria e não simplesmente uma resposta da condição da água. Se nós analisarmos numa perspectiva global o ato de beber a água que vem da torneira, nós teríamos que falar sobre isso de forma diferente. Nós teríamos que considerar o que a vasta maioria das pessoas que estão com sede no mundo precisam fazer para obter água. O trabalho de Paulo tem sido água viva para mim.

WATKINS: A que ponto você acha que sua experiência como uma afro-americana tem tornado possível a relação com o trabalho de Freire?

HOOKS: Como sugeri anteriormente, crescer numa área rural, no sul agrário, entre pessoas negras que trabalharam a terra, fez com que eu me sentisse intimamente ligada à discussão da vida dos agricultores no trabalho de Freire e sua relação com a alfabetização. Você sabe que não há livros de história que realmente contem a história de como era difícil a política da vida diária para as pessoas

negras no sul, segregado racialmente, quando muitos companheiros não liam e eram muitas vezes dependentes das pessoas brancas racistas para explicar, ler, escrever. Eu estava entre a geração aprendendo aquelas habilidades, com um acesso à educação que ainda era novo. A ênfase em educação como necessária para libertação, que as pessoas negras fizeram na escravidão e depois a reconstrução, permeou nossas vidas. Então, a ênfase de Freire na educação como a prática da liberdade fez um sentido imediato para mim. Consciente da necessidade da alfabetização desde a infância, trouxe comigo para a universidade memórias de ler para os companheiros, de escrever para os companheiros. Trouxe comigo as memórias de professoras negras no sistema escolar segregado, que tinham sido pedagogas críticas nos oferecendo paradigmas libertadores. Foi esta experiência de uma educação libertadora em *Brooker T. Washington* e *Crispus Attucks*, as escolas negras de meus anos de formação, que fizeram de mim uma pessoa insatisfeita com a educação que recebi de ambientes predominantemente brancos. Foram educadores como Freire, que afirmou as dificuldades que eu tinha com o sistema bancário de educação e com uma educação que de forma nenhuma tratava de minha realidade social, que fizeram uma crítica importante. Retornando à questão do feminismo e sexismo, quero dizer que me senti incluída em *Pedagogia do Oprimido*, um dos primeiros livros de Freire que li, de uma forma como nunca havia sentido anteriormente — minha experiência como uma pessoa rural e negra — incluindo os primeiros livros feministas que li, trabalhos tais como *The Feminist Mystique*, *Born Female*, etc. Nos Estados Unidos, não falamos sobre as formas nas quais a classe delineia nossa perspectiva na realidade. Muitos dos livros feministas iniciantes refletiam um certo tipo de sensibilidade burguesa branca; estes trabalhos não tocaram profundamente muitas mulheres negras, não porque não reconhecemos as experiências comuns que as mulheres compartilham, mas porque aqueles pontos comuns eram mediados por profundas diferenças em nossas realidades criadas pela política de raça e classe.

WATKINS: Você pode falar sobre a relação entre o trabalho de Freire e o desenvolvimento do seu trabalho como feminista e analista social?

HOOKS: Contrariamente às feministas, que fazem uma distinção clara entre o trabalho da pedagogia feminista e o trabalho e pensamento de Freire, para mim estas duas experiências convergem. Profundamente compromissada com a pedagogia feminista, eu acredito que, tal como entrelaçando uma tapeçaria, utilizei as fibras do trabalho de Freire e entrelacei estas fibras na versão da pedagogia feminista, e isto materializa-se no meu trabalho como escritora e professora. Novamente, quero afirmar que foi a interseção do pensamento de Paulo e a pedagogia vivida de muitos professores de minha infância (a maioria mulheres), que se viram como tendo uma missão libertadora para nos educar de uma maneira que poderia nos preparar para resistir efetivamente ao racismo e à supremacia dos brancos, que tiveram profundo impacto no meu pensamento sobre a arte e a prática de ensinar. No entanto, estas mulheres

negras não defenderam abertamente o feminismo (se elas sabiam a palavra), até porque elas insistiam na excelência acadêmica e no pensamento crítico para as jovens mulheres negras — uma prática anti-sexista.

WATKINS: Seja mais específica sobre o trabalho que você tem realizado e que tem sido influenciado por Freire.

HOOKS: Deixe-me dizer que quando escrevi *Ain't I a Woman: Black Women and Feminism* eu era uma estudante de graduação (por isso só foi publicado anos mais tarde). Este livro era uma manifestação concreta da minha luta com a questão de mover do objeto para o sujeito — exatamente a questão que Paulo levantou. E agora é muito fácil para muitas feministas intelectuais, senão para todas, estarem inclinadas a reconhecer o impacto de raça e de classe como fatores que delinham a identidade feminina, para todos os que esqueceram que o início do movimento feminista não era uma arena que tratava da luta radical das mulheres negras para teorizar nossa subjetividade. O trabalho de Freire (e de muitas outras professoras e professores) afirmou meu direito como um sujeito em resistência para definir minha realidade. A escrita de Freire deu-me uma forma de colocar a política de racismo nos Estados Unidos num contexto global, no qual pude ver meu destino ligado ao destino das pessoas negras em todos os lugares lutando para descolonizar, para transformar a sociedade. Mais do que em muitos trabalhos de feministas burguesas brancas, sempre houve no trabalho de Paulo o reconhecimento da posição subjetiva daqueles mais enfraquecidos, daqueles que sofreram o peso mais grave das forças opressivas (com a exceção de que ele não reconhecia sempre a especificidade das realidades de exploração e de opressão de gênero). Este foi um ponto que afirmou meu próprio desejo de trabalhar partindo de um entendimento vivido pelas mulheres negras. Apenas recentemente, um corpo de intelectuais que não observam as vidas das pessoas negras nos Estados Unidos através de lentes burguesas, uma intelectualidade fundamentalmente radical que sugere que a experiência das pessoas negras, mulheres negras, pode nos dizer mais sobre a experiência das mulheres em geral do que simplesmente uma análise que observa a princípio e sempre como aquelas mulheres que estão localizadas em posições privilegiadas. Uma das razões pelas quais o livro de Paulo, *Pedagogy in Process: The Letter to Guinea-Bissau*, tem sido importante para o meu trabalho é que este livro é um exemplo crucial de como um pensador crítico privilegiado aborda conhecimento e recurso compartilhados com aqueles que estão necessitados. Aqui está Paulo num dos momentos mais perspicazes; ele escreve: "Ajuda autêntica significa que todos que estão envolvidos ajudam uns aos outros mutuamente, crescendo juntos num esforço comum para compreender a realidade que eles procuram transformar. Apenas através desta práxis — na qual aqueles que ajudam e aqueles que estão sendo ajudados ajudam uns aos outros simultaneamente — pode o ato de ajudar tornar-se livre da distorção na qual o ajudante domina o ajudado". Na sociedade americana, onde o intelectual, e especialmente o

intelectual negro, tem muitas vezes assimilado e traído compromissos revolucionários no interesse de manter o poder de classe, é crucial e necessário para os intelectuais negros insurgentes terem uma ética de luta que familiarize nossa relação àquelas pessoas negras que não tiveram acesso às formas de conhecimento compartilhado em localizações de privilégio.

WATKINS: Comente se você será criticada, especialmente pelas feministas, por causa de sua devoção a Freire.

HOOKS: Em muitas coisas no trabalho de Paulo há um espírito generoso, uma qualidade de mente aberta, que eu sinto ter sido muitas vezes perdida das arenas intelectuais e acadêmicas na sociedade dos Estados Unidos; e os círculos feministas não têm sido uma exceção. Eu acho que o modo como experimentamos mais profundamente o fascismo crescente no mundo, mesmo nos chamados círculos "liberais", lembra-nos que nossos trabalhos devem ser um exemplo. No trabalho de Freire, nos últimos anos, há muitas respostas às críticas feitas em sua escrita e há a adorável troca crítica entre ele e Antonio Faundez no livro *Learning to Question* na questão de linguagem sobre o trabalho de Freire na Guiné-Bissau. Eu aprendo com este exemplo, ao ver a generosidade dele para lutar de uma forma não-defensiva na escrita, nomeando limitações de percepção, mudanças no pensamento, reflexões críticas novas.

WATKINS: O que representou para você interagir pessoalmente com Paulo Freire?

HOOKS: Para mim, nosso encontro foi incrível; nosso encontro fez de mim uma aluna e companheira de Paulo para a vida. Deixe-me contar esta história. Há alguns anos atrás, Paulo foi convidado da *University of Santa Cruz*, da qual eu era aluna e professora. Ele veio para fazer *workshops* com alunos e professores do Terceiro Mundo e, também, para fazer uma palestra. Eu não tinha ouvido nem mesmo um cochicho de que ele viria, embora muitos companheiros soubessem o quanto seu trabalho significava para mim. Então, de alguma forma, descobri que ele estava vindo, mas contaram-me apenas para dizer que todos os lugares estavam ocupados pelos participantes no *workshop*. Eu protestei e, no diálogo subsequente, disseram-me que eu não havia sido convidada para os vários encontros por medo que eu pudesse perturbar a discussão de questões mais importantes, levantando críticas feministas. Mesmo assim, fui autorizada a participar, quando alguém desistiu no último minuto; meu coração estava pesado, porque eu já tinha sentido que havia sido uma voz sexista que tentou controlar minha voz, controlar o encontro. Então, é claro, isto criou uma guerra dentro de mim, porque eu queria interrogar pessoalmente Paulo Freire sobre o sexismo de seu trabalho. Com cortesia, coloquei estas questões no encontro. Imediatamente, indivíduos falaram contra mim, por ter levantado tais questões e desvalorizaram-nas. Paulo interveio para dizer que estas questões eram cruciais e respondeu-as. Verdadeiramente, amei-o neste momento por exemplificar, através de suas ações, os princípios de seu trabalho. Muitas coisas teriam mudado para mim, se ele tivesse tentado silenciar e

depreciar uma crítica feminista. Não era o suficiente para mim que ele tivesse propriedade de seu sexismo, eu queria saber porque ele não tinha visto este aspecto em sua escrita. E ele falou, então, sobre fazer mais do que um esforço público para falar e escrever sobre estas questões — isto foi evidente em seus últimos trabalhos.

WATKINS: Você foi mais afetada pela presença ou pelo trabalho dele?

HOOKS: Um outro grande professor meu (apesar de não termos nos encontrado) é o vietnamita budista Thich Nhat Hanh. Ele diz no livro *The Raft is not the Shore* que “grandes humanos trazem consigo algo como uma atmosfera sagrada e quando os procuramos, então sentimos paz, sentimos amor, sentimos coragem”. As palavras dele definem de forma apropriada o que significou para mim estar na presença de Paulo. Fiquei muitas horas sozinha com ele, falando, ouvindo música, tomando sorvete na minha lanchonete favorita. Falando sério, Nhat Hanh ensina que um certo elemento nasce ao mesmo tempo que uma grande professora e ele diz: “Quando você (a professora) vem e fica uma hora conosco, você traz aquele elemento...É como quando você traz uma vela para o quarto. A vela está lá; há um tipo de zona iluminada que você traz. Quando um filósofo está lá e você sente perto dele, você sente luz, você sente paz”. A lição que aprendi, ao ver Paulo materializar a prática que ele descreve na teoria, foi profunda. Esta lição entrou em mim de uma forma que a escrita nunca pode tocar ninguém e isto deu-me coragem. Não tem sido fácil para mim fazer o trabalho que eu faço e permanecer na academia (ultimamente, eu acho que isto tem se tornado quase impossível), mas uns são inspirados pelos testemunhos de outros. A presença de Freire inspirou-me e isto não quer dizer que eu não tenha visto seu comportamento sexista, apenas que estas contradições são incluídas como parte do processo de aprendizagem, parte do que uma pessoa luta para mudar — e esta luta é muitas vezes adiada.

WATKINS: Você tem mais alguma coisa a dizer sobre a resposta de Freire à crítica feminista?

HOOKS: Eu acho importante e significativo que, apesar das críticas feministas sobre seu trabalho, as quais muitas vezes são severas, Paulo reconhece que ele deve ter um papel nos movimentos feministas e declara isto em *Learning to Question*: “Se as mulheres são críticas, elas têm que aceitar nossa contribuição como homens, assim como os trabalhadores têm que aceitar nossa contribuição como intelectuais, porque é um compromisso e um direito que eu tenho de participar na transformação da sociedade. Então, se as mulheres devem ter maior responsabilidade em suas lutas, elas devem saber que sua luta também pertence a nós; isto é, aos homens que não aceitam a posição machista no mundo. O mesmo é verdade para o racismo. Como um aparente homem branco, porque eu sempre digo que eu não estou muito certo de minha brancura, a questão é saber se eu sou realmente contra o racismo de uma forma

radical. Se eu sou, então o tenho como um compromisso e um direito de lutar com as pessoas negras contra o racismo”.

WATKINS: Freire continua a influenciar seu trabalho? Em seus últimos trabalhos você não faz menção constante ao trabalho dele, assim como foi o caso de seus primeiros livros.

HOOKS: Embora eu não cite muito Freire, ele ainda me ensina. Quando eu li *Learning to Question*, exatamente num momento em que eu tinha começado a engajar-me em discussões sobre pessoas negras e sobre o exílio, havia muita coisa no livro sobre a experiência de exílio que me ajudou e eu ficava entusiasmada com o livro. O livro tinha uma qualidade daquele diálogo que é um verdadeiro gesto de amor do qual Paulo fala em outros trabalhos. Então, foi da leitura deste livro que eu decidi que seria útil fazer um trabalho dialógico com o filósofo Cornel West. Nós temos o que Paulo chamaria de “um livro falante”, que será publicado em breve. Claro que meu grande sonho era fazer um livro desses com Paulo. Por algum tempo, eu estava trabalhando em artigos sobre morte e formas de morrer, principalmente formas de morrer dos afro-americanos. Então, quase que descobrindo acidentalmente, eu estava procurando uma epígrafe para o trabalho dele; e veio à minha mente algumas passagens adoráveis de Paulo, que ecoam tão intimamente minha própria visão de mundo e que era então, para usar uma velha frase sulista, “minha língua estava na boca do meu amigo”. Ele escreveu: “Eu gosto de viver para viver minha vida intensamente. Sou o tipo de pessoa que ama sua vida apaixonadamente. Claro, um dia, algum dia, morrerei, mas tenho a impressão de que quando morrer morrerei tão intensamente como vivi. Morrerei experimentando comigo mesmo intensamente. Por esta razão, morrerei com um imenso desejo pela vida, considerando que este é o modo como tenho vivido”.

WATKINS: Sim! Posso ouvir você dizendo estas palavras. Mais algum comentário final?

HOOKS: Apenas que estas palavras não parecem ser boas o suficiente para evocar tudo o que eu aprendi do Paulo. Nosso encontro teve aquela qualidade de doçura que fica, que dura por toda a vida, mesmo quando você não fala com a pessoa novamente ou quando não vê mais seu rosto; você pode retornar sempre àquele momento no seu coração, quando vocês estavam juntos, e ser renovada — esta é a solidariedade profunda.